



Volume

31/1

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Acervos: Diferentes suportes de memória



UFPEL



Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Mauricio Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordim*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento Interinstitucional: *Vinícius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

Núcleo de Documentação História da UFPel

Profa. Beatriz Loner

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristede Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos Educacionais

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista - Publicação do Núcleo de Documentação Histórica - Profa. Beatriz Loner

Comissão Editorial:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristede Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janete Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U., Universidad de los Andes, Santiago, Chile

Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP - Marília)

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha (UNICAMP)

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal de Uberlândia)

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti, (UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPel)

Profa. Dra. Maria Antónia Lopes (Universidade de Coimbra)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade de Évora)

Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade do Minho)

Profa. Dra. María Silvia Di Liscia (Universidad Nacional de La Pampa – AR)

Profa. Dra. María Soledad Zárate (Universidad Alberto Hurtado – Chile)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

Editores do Volume: Ma. Ângela Beatriz Pomatti (Museu de História da Medicina do RS), Dra. Lorena Almeida Gill (NDH-UFPel) e Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso (Arquivo Histórico do CHC - Centro Histórico-Cultural Santa Casa Porto Alegre)

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Imagem da capa: Trabalho de higienização de acervo do NDH-UFPel. Fonte: Núcleo de Documentação Histórica da UFPel – Profa. Beatriz Loner

Pareceristas ad hoc: Dra. Adriana Fraga da Silva (FURG); Dra. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS); Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM); Dra. Cassia Silveira (UFRGS); Dr. Charles Monteiro (PUCRS); Dra. Cíntia Vieira Souto (UFRGS/MP-RS); Dra. Claudira do



UFPEL



Socorro Cirino Cardoso (Secretaria de Educação do Pará); Dr. Cristiano Henrique de Brum (FIOCRUZ); Dra. Daiane Brum Bitencourt (UFRGS/PUCRS); Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT); Dra. Daniele Gallindo (UFPEL); Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRRJ); Dra. Jaqueline Hasan Brizola (FIOCRUZ); Dra. Letícia Brandt Bauer (UFRGS); Dra. Maíra Ines Vendrame (UFPEL/UFJF); Dra. Márcia Regina Bertotto (UFRGS); Dr. Marcos Witt (Instituto Histórico de São Leopoldo - RS); Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UFSC); Dra. Mariseti Cristina Soares (UFT); Dra. Mariluci Cardoso Vargas (PNUD/MDHC/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos); Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UFPEL); Dr. Rejane Silva Penna (Arquivo Histórico do RS); Dra. Rosane Marcia Neumann (FURG/UNIPLAC); Dr. Tiago da Silva Cesar (UFRPE/UNICAP); Dr. Willian Junior Bonete (UFPEL)

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosangela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böttge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böttge

Catalogação – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böttge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueiredo Alves, Alicie Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/1
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208

Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>
e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
 Simone Godinho Maisonneuve – CRB 10/1733
 Biblioteca de Ciências Sociais – UFPEL

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Acervos : Diferentes suportes de memória) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.1, jan. 2026. – Pelotas: UFPEL/NDH, 2026 – 484 p. ; 18,1 MB

Semestral
 e-ISSN: 2596-2876
 Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader
 Disponível em:
<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Museus

CDD: 907



Filiada à ABEU

A ORGANIZAÇÃO DO ARQUIVO INSTITUCIONAL DO MUSEU DO DOCE EM PELOTAS, RS: QUESTÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS

THE ORGANIZATION OF THE INSTITUTIONAL ARCHIVE OF THE SWEET MUSEUM IN PELOTAS, RS: THEORETICAL AND PRACTICAL ISSUES

Ana Inez Klein

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004). Professora associada do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. Ministra disciplinas de Teorias da História e Organização de Arquivos nos cursos de História. Coordena os acervos do Núcleo de Pesquisa em História Regional, onde desenvolve projetos de ensino, pesquisa e extensão. Tem experiência na área de História, com ênfase em Organização de Arquivos Históricos, Ensino de História, História e Literatura. Mais recentemente dedica-se à: história, acervos e patrimônio; história e memória; organização de arquivos históricos.

E-mail anaiklein@gmail.com

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar o projeto de organização do arquivo institucional do Museu do Doce, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), realizado no período de 2022 a 2025, por equipes do curso de bacharelado em História, da mesma instituição. O curso forma historiadoras e historiadores aptos para atuarem em arquivos históricos. Para a aprovação do estudante, ele exige o cumprimento de atividades práticas, que se estendem desde o ingresso até a formatura. A atuação do historiador no arquivo, as relações entre a História e a Arquivologia, a especificidade dos arquivos de museus e dos museus universitários, são alguns dos temas que entram no debate da apresentação deste projeto. Estas questões, de cunho mais teórico, orientaram as decisões nas etapas de higienização, arranjo, acondicionamento e disseminação do arquivo do museu.

Palavras-chave: Historiador, Arquivo, Museu do Doce, Universidade Federal de Pelotas.

Abstract: This paper presents the project to organize the institutional archive of the Museu do Doce (Sweet Museum) at the Federal University of Pelotas (UFPEL), carried out from 2022 to 2025 by teams from the Bachelor's degree program in History at the same institution. The program trains historians to work in historical archives. Approval requires students to complete practical activities, extending from admission to graduation. The role of historians in the archive, the relationship between History and Archival Science, and the specificities of museum and university museum archives are some of the topics discussed in this project presentation. These more theoretical issues guided decisions in the stages of cleansing, arrangement, storage, and dissemination of the museum's archive.

Keywords: Historian, Archive, Sweet Museum, Federal University of Pelotas.

O presente trabalho objetiva apresentar o projeto de organização do arquivo institucional do Museu do Doce, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), realizado no período de 2022 a 2025, por equipes do curso de bacharelado em História, da mesma instituição. A atuação do historiador no arquivo, a especificidade dos arquivos de museus e dos museus universitários, são alguns dos temas que entram no debate da apresentação deste projeto. Vale destacar que estas questões, de cunho mais teórico, orientaram as decisões na organização dos documentos do museu, ainda que se reconheça ser, esta separação entre teoria e prática, apenas didática. Para finalizar, são apresentados alguns dados de documentos que constituem o arquivo.

O curso de bacharelado em História da UFPEL tem formado historiadoras e historiadores aptos para atuarem em arquivos históricos.¹ O curso, que iniciou as suas atividades no ano de 2008, efeito da adesão da instituição ao programa REUNI², e formou a primeira turma em 2012, exige, para a aprovação do estudante, o cumprimento de atividades práticas, que se estendem desde o ingresso até a formatura. Estas atividades são desenvolvidas tanto em arquivos históricos que pertencem à universidade, como o Núcleo de Documentação Histórica e o Museu do Doce, quanto em arquivos históricos que se situam fora dela, como o Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas e o arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, entre outros.

O primeiro objetivo geral definido no Projeto Pedagógico do curso refere-se à formação de “bacharéis na área de História, capacitados para o desenvolvimento de atividades profissionais relacionadas com a preservação, a organização, a catalogação e a divulgação de acervos documentais ou similares.” (UFPEL, 2025, p. 18) Em consonância com este compromisso, a estrutura curricular e as atividades previstas no âmbito das disciplinas, bem como projetos coordenados pelos docentes, buscam oferecer uma formação consistente para a atuação do historiador no arquivo.

Os projetos de organização de arquivos, coordenados por docentes dos cursos de bacharelado e licenciatura em História visam essencialmente cumprir a sua função na formação dos estudantes, mas também contribuem para preencher uma lacuna no atendimento aos inúmeros acervos que estão sob responsabilidade da instituição. Vale salientar que a UFPEL não possui curso de Arquivologia e só muito recentemente recebeu no seu quadro de servidores técnico administrativos arquivistas, com formação

¹ A relação dialógica deste, com o curso de licenciatura em História, permitiria afirmar que ambos os cursos têm investido neste aspecto da formação dos historiadores. Porém, o foco desta análise são as atividades práticas em arquivo realizadas por discentes do curso de bacharelado em disciplinas obrigatórias, que são, para os discentes do curso de licenciatura, optativas.

² A UFPel aderiu ao Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) no ano de 2007. Com vistas à expansão da oferta de vagas em cursos superiores nas universidades federais, considerando-se a existência, desde o ano de 1981, do curso de licenciatura em História, a criação do bacharelado contribuiu para o salto significativo, na instituição, no número de cursos, que foi de 59, no ano de 2007, para 101 cursos, até 2013, período no qual a instituição passou de 8 mil para 21 mil alunos. (UFPEL, 2025, p. 3)

superior³. No entanto, estes profissionais são absorvidos pelas tarefas de responsabilidade da Unidade de Arquivo, atualizando constantemente as ações do setor que, durante muitos anos, dependeu do trabalho de apenas um servidor.

Uma introdução necessária

A reflexão sobre a relação do historiador com arquivo possui uma historicidade própria; ela variou conforme as etapas do pensamento histórico e os avanços da área da Arquivologia.

Atualmente, a Lei nº 14.038, que dispõe sobre a regulamentação da profissão de historiador, oferece uma referência inicial para esta relação no campo legal, o que é um avanço importante para quem recebe a formação de historiador e assume o encargo organizar documentos, dialogando com outras áreas do conhecimento voltadas ao tema da custódia documental.

Conforme a lei, o historiador pode organizar informações, implantar e dirigir serviços de pesquisa histórica, de documentação e informação histórica, bem como assessorar a avaliação e a seleção de documentos para fins de preservação. A ênfase em trabalhar com documentos históricos, também denominados de terciários ou permanentes, é um dos fatores importantes quando se busca indicar uma fronteira entre o trabalho do historiador com o trabalho do arquivista, que tem as suas atividades voltadas para todas as etapas do documento, quais sejam, a sua fase primária ou corrente e a secundária ou intermediária, além da terciária. De qualquer forma, a instrução legal evidencia que o setor de pesquisa do arquivo não é único espaço a ser ocupado pelo historiador.

Situando a questão temporalmente, Márcia Eckert Miranda vê na emergência da abordagem pós custodial da Arquivologia, de origem canadense, a partir da década de 80, e nas contribuições da terceira geração da Escola dos Anais na História, de origem francesa, a partir da década de 70, o quadro teórico que levará a que os historiadores da atualidade reconheçam que a sua atividade no arquivo não se resume à pesquisa. As transformações na Arquivologia, aliadas à valorização da memória, conduziram o historiador “da sala de pesquisa aos demais espaços dessas instituições”. (2012, p. 901). Nas palavras da autora:

A valorização da memória e as novas temáticas da historiografia estimularam a criação de centros de memória e documentação e transformaram o historiador em um agente ativo na constituição, organização e disponibilização de acervos, obrigando-o a repensar seu papel nas instituições de memória e a buscar o diálogo com outras disciplinas da Ciência da Informação. (Miranda, 2012, p. 901)

³ Alessandro Aquino Dias, arquivista formado pela Universidade Federal de Santa Maria, ingressou em 2022 e Dulcelene Pereira Alves, arquivista formada pela Fundação Universidade de Rio Grande, ingressou em 2024.

Outra contribuição para a aproximação do historiador com o arquivo vem da noção de neutralidade do documento, durante muito tempo basilar para a Arquivologia e tão recorrente nos debates historiográficos desde a primeira metade do século XX. Promovida pela Escola dos Annales, a crítica à história de acontecimentos e o combate à ideia de neutralidade, tanto na dimensão do sujeito quanto do objeto, abriu perspectivas importantes para a produção do conhecimento histórico.

Miranda, ainda referindo-se à escola canadense que trouxe avanços significativos para a Arquivologia a partir dos anos de 1980, analisando as ideias do arquivista canadense Terry Cook (1991), aponta que:

Advogando a necessidade de releitura dos princípios da Arquivística, essa corrente negou a postura de neutralidade e colocou em evidência o contexto frente ao texto, as relações de poder, os significados e a necessidade de desnaturalizar tudo que era tomado como natural (Miranda, 2012, p. 900)

Portanto, em momento posterior ao ocorrido na História, a Arquivologia, ao deslocar o foco do aspecto empírico do seu trabalho, centrado no arranjo e na conservação física dos documentos, para a compreensão de que as ações relativas aos arquivos envolvem relações de poder e possuem implicações sociais ou políticas, ressignificou o trabalho dos arquivistas, antes considerados agentes passivos na condução da organização documental.

Heloisa Bellotto (2011) aponta a metade do século XX como o marco temporal em que o paralelismo das instituições responsáveis pela organização dos documentos no seu valor primário e as instituições de pesquisa histórica começa a ser reduzido. Em 1946, nos Estados Unidos, uma comissão especialmente designada para o fim de organizar a relação entre documentos em diferentes etapas de sua existência, chamada Comissão Hoover, estudou a possibilidade de um fluxo contínuo entre a fase administrativa, o documento em seu valor primário, e a fase da pesquisa, o documento em seu valor secundário ou histórico. Segundo Bellotto:

Deveria a primeira ocupar-se pontualmente da criação, planificação, controle, organização (classificação, arquivamento, armazenamento), utilização primária (pela administração) e destinação (avaliação, eliminação e/ou transferências e recolhimentos aos arquivos intermediários e/ou históricos); e a segunda, do arranjo (adaptação da classificação), descrição, difusão e utilização secundária (pela pesquisa) dos documentos chamados permanentes ou históricos. As duas áreas já não atuariam isoladamente, mas, antes, buscando ambas a possibilidade do fluxo. (2011, p. 15)

Pode-se perceber que a proposta desenvolvida pelos arquivistas estadunidenses sugere uma inflexão na relação entre arquivistas e historiadores, antes marcada pelo paralelismo.



Seja por qual caminho, pelas as aproximações teóricas ou pelos acercamentos de ordem prática, interessa salientar aqui que, na base da formação do historiador bacharel, proposta pela UFPEL, encontra-se o reconhecimento de que os princípios, métodos e teorias da Arquivologia têm implicações relevantes sobre o ofício do historiador (Miranda, 2012, p. 901) de onde, busca-se propor atividades, no decorrer do curso, através das quais os estudantes tenham experiências em todas etapas da organização dos arquivos permanentes.

Como já citado anteriormente, o Museu do Doce da UFPEL é um destes espaços de trabalho para a atuação dos futuros historiadores, pois trata-se de um museu universitário em pleno funcionamento, marcado por uma rotina intensa de atividades. Também contribuem para esta relação ser o museu uma unidade do Instituto de Ciências Humanas, portanto com uma identidade institucional com o curso de História, que pertence à mesma unidade, e que, ademais, possui um arquivo institucional que, em 2022, ainda não havia sido organizado. O cenário era de uma sala com documentos empilhados e, fora dela, armários com mais documentos, gerados na rotina de trabalho da instituição, em situação de dispersão.

Sabe-se que a chamada *dispersão de fundos* é um dos maiores desafios dos pesquisadores que recorrerem aos arquivos. Fundo, no vocabulário dos arquivistas, corresponde ao “conjunto de documentos de uma mesma proveniência” (Arquivo Nacional, 2005, p. 97), ou seja, originados de uma mesma instituição ou de uma mesma pessoa.

No conceito de fundo documental está uma das maiores contribuições da Arquivologia para a pesquisa histórica. Manter os documentos do museu, ou de toda e qualquer instituição pública ou privada ou, ainda, documentos de caráter pessoal, organizados conforme a sua origem, é um compromisso incontestável de todo o arquivo. A manutenção da relação orgânica entre os documentos e da lógica produtora dos mesmos possibilita maior compreensão da estrutura e das atividades da entidade que se está pesquisando.

Bellotto afirma que:

52

Hoje em dia é inadmissível, mesmo nos países cujo emprego de tratamento arquivístico adequado a seus acervos documentais administrativos seja recente, que os documentos sejam arranjados por assunto, por ordem cronológica única, por formatos ou suportes materiais da documentação que lhe compete recolher tratar, custodiar, preservar e divulgar. (2006, p. 127)





No caso da organização de documentos administrativos de terceira idade do Museu do Doce, gerados dentro da própria instituição organizadora do arquivo⁴, este princípio da organização foi seguido com relativa naturalidade.

Para finalizar estas breves reflexões que antecedem a apresentação da parte prática do trabalho, e sem a pretensão de realizar mais do que uma demarcação parcial, é necessário referir que o Museu do Doce é um museu universitário. Esta condição específica traz algumas questões que cabem ser aqui apontadas.

Cristina Bruno, no artigo intitulado “A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários”, apresenta que, no Brasil, existem mais de cem arquivos universitários e que eles são marcados pela multiplicidade de origem, situação geográfica, patamares e estrutura organizacional. Reconhecendo a dificuldade de se delinear um perfil dos museus universitários no país, a autora analisa que o que eles têm em comum é seu compromisso com o ensino, a pesquisa e a extensão, uma questão que é inerente ao seu compromisso com a universidade.

A definição de que o ensino, a pesquisa e a extensão são pilares indissociáveis do ensino superior, está relacionada com “a demarcação do papel social da universidade brasileira na consolidação de um projeto de sociedade” (Mazzilli, 2011, p. 206), marcado pela busca da democracia e materializado com instalação de Assembleia Nacional Constituinte, em 1985.

Focando nesta questão, já que o tema abre muitas frentes para o debate, o reconhecimento desta identidade dos museus universitários está expresso de forma bastante evidente tanto para o Museu do Doce quanto para a Universidade Federal de Pelotas que, no Plano de Desenvolvimento Institucional para os anos de 2022 a 2026, faz referência ao “fortalecimento e consolidação da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão” como um de seus objetivos estratégicos e específicos. (UFPEL, 2022, p. 13 e 22)

“Como um museu universitário, o Museu do Doce coloca-se como um instrumento norteador do saber/fazer acadêmico que tem como eixo a indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão” (Gastaud, 2014, p. 93), afirmam profissionais do museu, em artigo intitulado “Do sal ao açúcar: as ações educativas do Museu do Doce da UFPEL.”

Como proposta de atividade prática de disciplinas de um curso de graduação, o projeto de organização dos documentos administrativos do museu possui sua ênfase inicial no ensino de graduação. No entanto, sendo esta uma atividade inserida no projeto de extroversão do conhecimento produzido no museu, ou a partir dele, seu teor extensivo é tão inequívoco quanto a ênfase na pesquisa, que decorre e que resulta de todas as atividades realizadas dentro da universidade. Podemos postular, portanto, que

⁴ Os arquivos históricos recebem, muitas vezes, doações de instituições ou pessoas. Nestes casos, a proveniência pode não ser evidente e é necessário apoiar a organização dos documentos com a pesquisa histórica, o que torna o processo bem mais complexo.



a indissociabilidade entre as três instâncias que orientam as atividades universitárias, mais do que uma busca ou um compromisso, são uma consequência natural daquilo que é inerente às funções precípuas de todo museu, como a produção do conhecimento e a interação social.

Etapas da execução do projeto

No ano de 2022, a equipe formada pelas graduandas Isabelle B. Chaves e Maria Augusta T. da Silveira, coordenadas pela professora Ana Inez Klein, responsável por disciplinas práticas do curso de bacharelado em História, elaborou o projeto com a meta de organizar o fundo documental dos documentos institucionais do Museu do Doce.

A proposta de organização dos documentos partiu da iniciativa do seu diretor, professor Roberto Heiden⁵, que buscou, na parceria com o curso de História e suas disciplinas práticas, uma alternativa de encaminhamento para a organização do material e o estímulo à pesquisa sobre o museu.

O escopo temporal que limita o projeto situa-se entre os anos de 2009 e 2018. O primeiro é o ano do início dos trabalhos da comissão que elaborou a proposta para a criação do museu, que iniciou suas atividades, oficialmente, em 2011. O ano que praticamente encerra o arquivo corresponde à efetivação do Sistema Eletrônico de Informação, que levou à substituição do uso de documentos em suporte papel para o suporte eletrônico, implantando na UFPEL a partir do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015⁶.

Atualmente, a entrada de documentos em suporte papel no setor de documentação do arquivo é pequena e não se refere à atos administrativos, mas à correspondência recebida, ou seja, documentos de origem externa, incorporados ao arquivo periodicamente.

O Museu do Doce está vinculado ao curso de Museologia da UFPEL e possui projetos de organização da documentação museal, coordenado por docentes museólogos. Foi necessário, então, neste início de trabalho, definir os espaços de atuação de cada projeto para o que, torna-se fundamental nesta apresentação, definir os tipos de documentos encontrados no Museu.

A literatura que trata do tema dos documentos dos museus, ressalta a especificidade da arquivística museal e relaciona a origem dos documentos com a função do museu. O Estatuto Brasileiro de Museus – Lei nº 11.904/2009, define o museu como:

a instituição sem fins lucrativos que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação,

⁵ O Prof. Dr Roberto Heiden ocupou o cargo de Diretor do Museu de 2019 a 2023. Atualmente o cargo é ocupado pela Prfa. Dra. Noris Mara Pacheco Martins Leal

⁶ O referido decreto dispõe sobre o uso do meio eletrônico para a realização do processo administrativo no âmbito dos órgãos e das entidades da Administração Pública Federal Direta, Autárquica e Fundacional.

contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

A partir da sua função, em termos de conjunto de documentos, percebe-se que o museu realiza o trabalho de recolher os documentos gerados na sua rotina administrativa e de colecionar documentos, que são adquiridos para integrar o seu acervo. Os primeiros são chamados de documentos institucionais ou administrativos e os demais são chamados de documentos museológicos.

Quanto ao acervo adquirido pelo museu para fins de exposição, faz-se necessário, também, criar documentos para “permitir a identificação e a descrição completa de cada item, dos elementos a ele associados, de sua procedência, de seu estado de conservação, dos tratamentos a que já foram submetidos e de sua localização” (ICOM p. 9). Estes também compõem os documentos museológicos e, portanto, não foram objeto do trabalho elaborado pela equipe do curso de História.

Considerando estes elementos, ficou definido que a organização do arquivo institucional do Museu do Doce objetivaria contribuir para otimizar as práticas administrativas da instituição durante a sua rotina de funcionamento, através da organização os documentos de idade intermediária e permanente⁷. Como efeito imediato da proposta, criou-se um fluxo de documentos dos demais setores para o Setor de Documentação e abriu-se uma nova possibilidade de pesquisa histórica, centrada na história do próprio museu.

Dando continuidade ao projeto, outra definição basilar para o trabalho desenvolvido, após a identificação dos documentos que seriam organizados pelo grupo, está relacionada ao princípio da proveniência, ou o segundo grau da ordem original dos documentos, que aponta para a organização do arquivo através da reconstituição da ordem original, ou seja, situando os documentos na mesma lógica em que eles foram criados. Este segundo grau da ordem original, em conjunto com o primeiro grau do respeito à proveniência do conjunto documental, também chamado de respeito aos fundos documentais⁸, garantem a indivisibilidade do arquivo e são imprescindíveis para se evitar a dispersão dos documentos e manter a sua inteligibilidade. (Rodrigues, 2009)

⁷ Para deixar mais clara esta questão, vale registrar que “o ciclo de vida dos documentos de arquivo é composto por três fases: corrente, intermediária e permanente. A passagem dos documentos de uma fase para outra é determinada por um instrumento denominado Tabela de Temporalidade que estabelece, referendando-se num processo de avaliação dos documentos, os prazos de permanência nas fases corrente e intermediária e a sua destinação final: eliminação ou recolhimento ao arquivo permanente. Há aqueles documentos que só saem do âmbito do seu produtor quando este encerra suas atividades ou quando as altera significativamente. Seriam os documentos que provam a sua existência e definem suas atividades além de outros que contribuem para isso.” (RODRIGUES, 2006, p. 2)

⁸ Para um maior aprofundamento dos conceitos de fundo documental, respeito aos fundos, princípio da proveniência, entre outros, sugere-se a leitura da obra intitulada “O conceito de fundo arquivístico: teoria, descrição e proveniência na era pós-custodial”, de autoria do canadense Terry Cook, uma referência proeminente na consolidação deste conceito fundamental da Arquivologia contemporânea.

A ordem original dos documentos do Museu do Doce corresponde ao organograma do museu que consta no Capítulo III – Da Constituição e Organização, Art. 5º do Regimento do Museu do Doce da UFPel, aprovado pelo Conselho Departamental do Instituto de Ciências Humanas em 23 de outubro de 2015, conforme a seguinte tabela:

| ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO MUSEU DO DOCE | | |
|---|------------------------------|---|
| I. CONSELHO CONSULTIVO | | |
| II. DIREÇÃO | | |
| III. ÓRGÃOS DE APOIO | A. Núcleo Administrativo | |
| | B. Núcleo Técnico Científico | 1. Setor de Conservação Preventiva |
| | | 2. Setor de Documentação |
| | | 3. Setor de Pesquisa |
| | | 4. Setor de Expografia e Comunicação Visual |
| | | 5. Setor Educativo |
| | C. Comissão de Acervo | |

Tabela 1. Estrutura Organizacional do Museu do Doce, em conformidade com Regimento Interno aprovado no Conselho Universitário em 12 e 21 de julho de 2016.

A estrutura organizacional do Museu do Doce, adotada para o arranjo dos documentos, é composta por um Conselho Consultivo e a Direção do Museu, que são órgãos da administração. Os órgãos de apoio são o Núcleo Administrativo, dividido em Setor Financeiro, Setor de Bolsas e Estágios e Setor de Secretaria, o Núcleo Técnico Científico dividido em Setor de Conservação Preventiva, Setor de Documentação⁹, Setor de Pesquisa, Setor de Expografia e Comunicação Visual e Setor Educativo e o último órgão de apoio, a Comissão de Acervo.

No ano de 2023, uma nova equipe, composta pelas discentes Rafaela Domingues Cavalheiro e Greice Ramos da Silva, assumiram as etapas de higienização, avaliação/identificação, classificação/arranjo e acondicionamento dos documentos, restando as etapas de descrição e disseminação para uma fase posterior.

Os procedimentos adotados para a realização da fase inicial do trabalho prático, qual seja, a higienização, foram embasados nas orientações utilizadas pelo Centro de Pesquisa e Documentação da Escola para Formação e Capacitação Profissional da

⁹ O projeto de organização dos documentos está vinculado ao Setor de Documentação.



Fundação Casa – São Paulo, registradas em “Conservação de Documentos: Higienização e Organização” (2012/2024), e pelo Arquivo de São Paulo (APESP), registradas em “Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas” (Cassares, 2000).

Todo o trabalho com o documento, no arquivo histórico, isto é, cada etapa que o documento percorre dentro do arquivo, visa garantir o acesso dos documentos à comunidade. A memória é um direito humano e os arquivos históricos atuam, fundamentalmente, para garantir este direito.

Um dos processos mais rotineiros para se estabilizar um documento, ou seja, interromper a sua deterioração, é a higienização. Esta ação de intervenção, quando realizada em documentos de suporte papel que apresentam boas condições de conservação, exige poucos recursos e pode ser executada por pessoas com pouca ou nenhuma especialização em restauração. Quando feita seguindo todos os passos e utilizando materiais como pincéis e luvas, basicamente, imprime uma contribuição imensurável e pouco visível no prolongamento da vida útil do documento, em outras palavras, garantindo boas condições para ser oferecido ao público interessado.

O termo higienização descreve a ação de eliminação mecânica das sujidades que se encontram sobre os documentos, livrando-os de agentes agressores, tais como poeira, excremento de insetos e objetos metálicos, que são os mais comumente encontrados nos arquivos atendidos pelas equipes do curso de bacharelado em História, que atuam nos arquivos históricos da cidade de Pelotas.

Importante lembrar que, para além da conservação dos documentos, o objetivo da higienização também é a prevenção à saúde das pessoas usuárias dos acervos.

O arranjo (figuras 1 e 2) pode ser iniciado durante a etapa de higienização. Como a avaliação da estrutura dos documentos do museu ocorreu sem dificuldades, por se tratar de documentos que não possuem mais do que 20 anos¹⁰ e terem sido mantidos em boas condições de armazenamento e utilização, a equipe iniciou a separação da documentação durante a higienização.

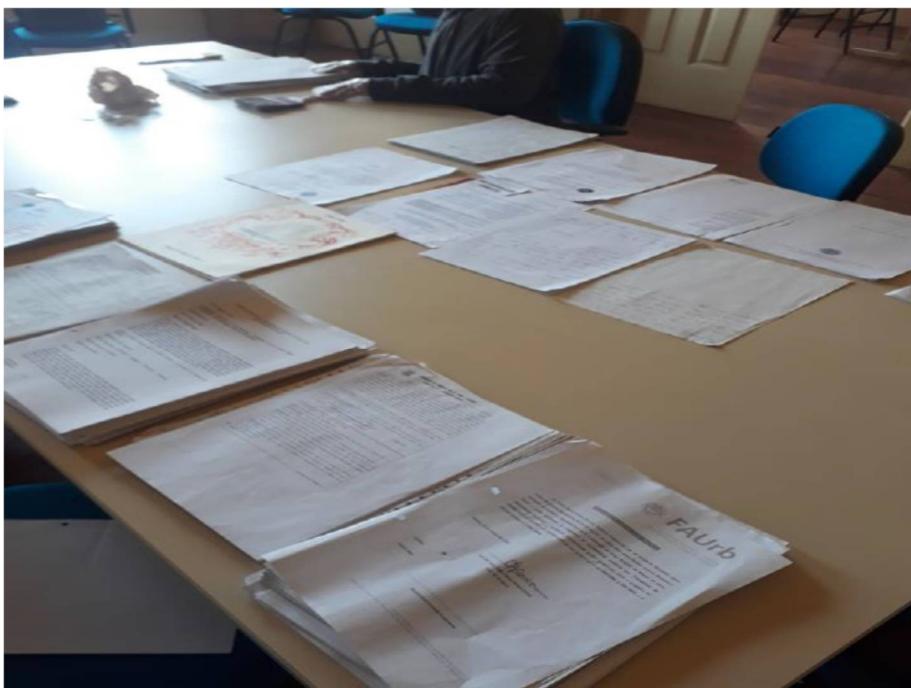
¹⁰ Os documentos mais antigos do arquivo são as atas de reunião para a formatação do Museu do Doce, ocorrida em 14 de setembro de 2009 e para a definição da comissão de implantação do Museu do Doce, ocorrida em 4 de outubro e o ofício que instaura a Comissão de Criação do Museu do Doce, ofício nº 075/2009, de 5 de outubro.





Figuras 1 e 2. Separação inicial dos documentos.

Fonte. acervo do Setor de Documentação do Museu do Doce.



Para o arranjo, foram criadas planilhas no *google drive*¹¹. Neste serviço de armazenamento, as planilhas podem ser abertas e editadas diretamente no navegador, facilitando a colaboração em tempo real e permitindo que elas permaneçam abertas e sejam atualizadas em vários dispositivos.

Cada planilha foi organizada por uma descrição de espécie, tipo e conteúdo, data em que o documento foi produzido e a pasta em que ele está localizado, conforme o seguinte exemplo:

| III. Órgão de Apoio. B. Núcleo Técnico Científico. 5. Setor de Educativo | | | |
|--|---|------------|-------------|
| Número | Espécie, tipo e conteúdo | Data | Localização |
| III.B5.001 | História em quadrinhos e álbum de figurinhas (45 anos UFPEL) | 08/09/2014 | Pasta 10 |
| III.B5.002 | Brincando com o patrimônio no Museu do Doce - 13º semana nacional dos museus (Desenhos, jogo de memória e fotos das crianças) | 14/05/2015 | Pasta 10 |
| III.B5.003 | Ação educativa sobre os rótulos das compotas de pêssego produzidas por fábricas do município de Pelotas e região (Projeto e desenhos) | 11/09/2019 | Pasta 10 |
| III.B5.004 | Desenhos realizados em ações educativas e projetos do Museu do Doce | SEM DATA | Pasta 10 |
| III.B5.005 | História do doce, ação educativa do dia da criança (Projeto e Desenhos) | SEM DATA | Pasta 10 |
| III.B5.006 | Livro "A Memória do Açúcar" do Museu do Doce | SEM DATA | Pasta 10 |

Tabela 2. Classificação dos Documentos do Setor Educativo.

Os documentos foram identificados por meio de códigos que contém o órgão, o núcleo, o setor e o número do documento, conforme se pode observar na coluna 'Número', da planilha.

Concomitante à etapa de arranjo, o acondicionamento (figuras 3 e 4) foi realizado em pastas de polionda, colocadas em prateleiras de um armário do tipo

¹¹ Google é o nome de uma empresa multinacional de software e serviços *online* que oferece um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos na nuvem, que permite guardar, acessar e compartilhar ficheiros de qualquer dispositivo com acesso à *internet*, chamado de *Google Drive*. Os arquivos podem ser abertos e editados diretamente no navegador ou em aplicações para dispositivos móveis, facilitando a colaboração em tempo real e permitindo que os ficheiros fiquem sempre atualizados em todos os dispositivos.

multiuso, em material MDF (*Medium Density Fiberboard*), situado na sala do Setor de Documentação do Museu do Doce.

Ao finalizar o arranjo dos documentos disponíveis, o arquivo contava com o total de 672 documentos. O setor com maior número é a Secretaria, com 200 documentos, e o setor com menor número, é o Setor Educativo, com 6 documentos.

Figuras 3 e 4. Antes e depois do acondicionamento. Fonte: acervo do Setor de Documentação do Museu do Doce.





A etapa posterior da organização dos documentos, a disseminação, foi assumida pelo discente Julio Roberto Dahmer Spohr, em 2024, e baseou-se na criação de um informe sobre o projeto (figura 5) e a importação das planilhas existentes para o sistema Tainacan, um *software* livre, criado para servir de repositório de acervos digitais em *WordPress*. Dado o número não expressivo de documentos, as tabelas de classificação servirão de instrumento de pesquisa.



UFPEL

Projeto de Organização do Arquivo Permanente do Museu do Doce

Seja bem-vindo ao nosso Acervo Permanente! Um espaço dedicado à conservação e à difusão de documentos históricos e registros culturais. Nossa compromisso é garantir o acesso aos documentos que fazem parte da nossa identidade e história, e contribuir para preservar a memória doceira de Pelotas e região.

O que você encontrará aqui:

- Documentos administrativos e históricos
- Fotografias e materiais de exposições
- Reginistros de projetos e publicações
- Correspondências institucionais
- Manuscritos



O acervo inclui documentos gerados ou recebidos pelo Museu em sua rotina administrativa. A organização segue o princípio da proveniência, baseado no Regimento do museu. O projeto de organização de documentos é de responsabilidade do curso de Bacharelado em História da UFPEL.

Plano de Classificação do Fundo Documental

Grupos de Documentos:

- ❖ I. Conselho Consultivo
- ❖ II. Direção III. Órgãos de
- ❖ III. Apoio
- A. Núcleo Administrativo
 - Setor Financeiro
 - Setor de Bolsas e Estágios
 - Setor de Secretaria
- B. Núcleo Técnico-Científico
 - Setor de Conservação Preventiva
 - Setor de Documentação
 - Setor de Pesquisa
 - Setor de Expografia e Comunicação Visual
 - Setor Educativo
- C. Comissão de Acervo



Acesse nosso catálogo

Escaneie o QR Code abaixo para visualizar a lista completa dos documentos preservados em nosso acervo:

Figura 5. Dados de Identificação do Projeto, localizado no Setor de Documentação do Museu do Doce.



A Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) utiliza a plataforma digital Tainacan¹² para disponibilizar e gerenciar o conteúdo de seus acervos e coleções *online*. Criada em 2017, a Rede de Museus consiste em um órgão suplementar da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) que tem por missão:

Unir as instituições, projetos museológicos, acervos e coleções existentes na Universidade, visando a implantação e manutenção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade. (FORPROEX, 2024/2025, p. 93).

Fazem parte da rede mais de 20 acervos da universidade, localizados em museus e também em núcleos de documentação e grupos de pesquisa, que possuem e disponibilizam documentos, entre eles o Centro de Memória e Pesquisa HISALES – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, a Discoteca L. C. Vinholes e o Núcleo de Documentação Histórica Profa. Beatriz Loner, além do próprio Museu do Doce, objeto deste trabalho.

Realizada a importação dos documentos, pequenos ajustes no processo permitirão que, durante o ano de 2025, o acervo de documentos do arquivo institucional do Museu do Doce seja disponibilizado para acesso universal e gratuito na página da Rede de Museus da Universidade Federal de Pelotas. Após esta etapa será iniciada a digitalização dos documentos. De posse das planilhas com a descrição, o pesquisador já pode solicitar os documentos presencialmente, com agendamento junto ao museu, ou por solicitação via mensagem, aos contatos do Museu do Doce. A etapa de digitalização deverá iniciar durante o ano de 2026.

Considerações Finais

Para concluir esta apresentação, cujo eixo central está na reflexão sobre a relação entre o historiador e o arquivo, propomos uma inversão do caminho tradicionalmente seguido pelo historiador, que inicia sua visita pela sala de pesquisa. Percorremos as etapas da organização do documento nas dependências interiores do arquivo, nos espaços de higienização, arranjo e acondicionamento, para sequencialmente realizar as ações de disseminação da informação. Finalizaremos esta análise na sala de pesquisa, onde encontram-se as informações que oportunizam construir-se a história do Museu do Doce, a partir dos dados que se oferecem aos pesquisadores que analisam os

¹² O software livre denominado de Tainacan vem sendo implementado, no Brasil, desde o ano de 2014 atendendo uma importante demanda de interesse no desenvolvimento de repositórios digitais na área da cultura. O projeto brasileiro para organizar e publicar acervos digitais, foi criado para ser utilizado especificamente por museus, bibliotecas e arquivos. A plataforma oferece o acesso público a seus acervos e é usada para guardar, preservar e garantir livre acesso, via *internet*, à produção científica, no âmbito de uma dada instituição. Projeto resulta de uma parceria entre Ministério da Cultura, o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e a Universidade Federal de Goiás (UFG).



documentos e os constituem fontes primárias, ou fontes diretas, do conhecimento histórico.

Uma análise das atas de reuniões relacionadas à criação da instituição, mostram que o Museu do Doce nasceu da convergência de pelo menos três condições definidoras: o tombamento e a aquisição, pela UFPEL, do Casarão 8, denominada Casa do Conselheiro, no entorno da praça Coronel Pedro Osório, no centro da cidade de Pelotas, construído pela família Antunes Maciel no decorrer dos anos de 1878 a 1880, a realização do Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC - Produção de Doces Tradicionais Pelotenses, que propiciou ao doce de Pelotas ser reconhecido, em 2018, Patrimônio Cultural Imaterial Nacional, e o interesse de servidores docentes e técnicos da universidade em assumir o trabalho para a instalação e funcionamento do Museu.

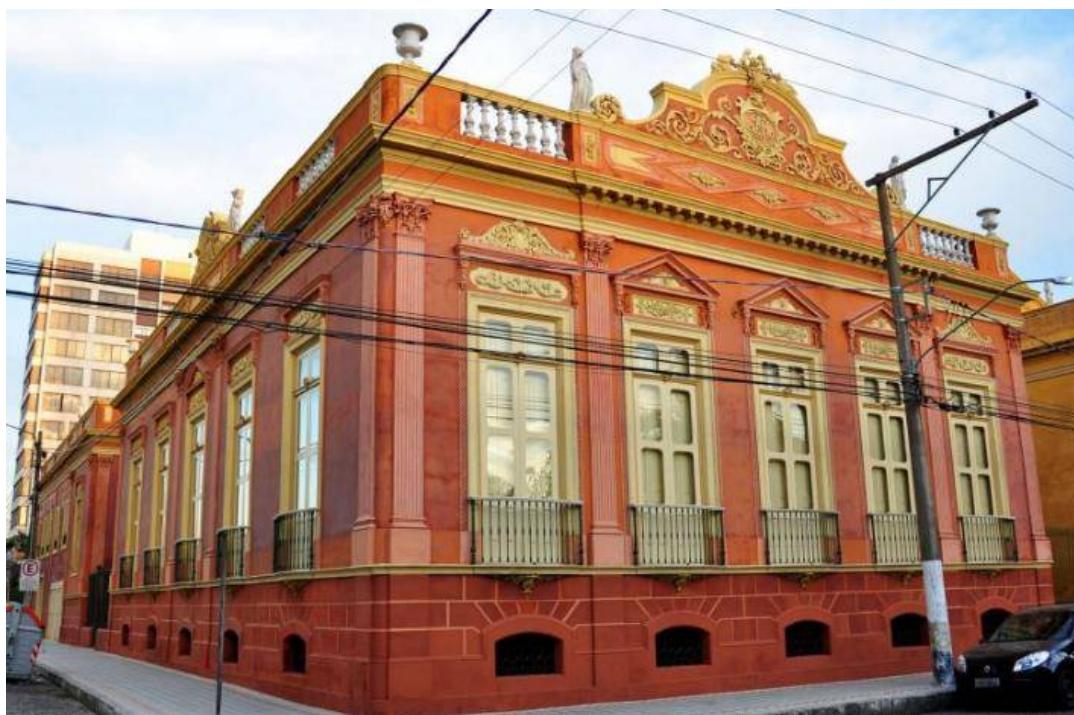


Figura 6 - Casarão 8, sede do Museu do Doce da UFPEL. Fonte: <https://topview.com.br/estilo/cultura/artes/museu-do-doce-pelotas/>. Acesso em novembro de 2025.

A pesquisa que embasou o Inventário Nacional de Referências Culturais Produção de Doces Tradicionais Pelotenses, mostra que existem duas tradições doceiras em Pelotas e Antiga Pelotas (Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo, Turuçu): a tradição de doces finos ou doces de bandeja e a tradição de doces coloniais. Ambas as tradições, a primeira com viés urbano e a segunda, rural, surgiram no século XIX e estão estreitamente vinculadas à riqueza resultante da produção de charque, cuja proeminência histórica é assim registrada pelo historiador Jonas Moreira Vargas (2011):

Ao longo de todo o século XIX, o charque foi o produto-rei da economia sul-rio-grandense e permaneceu no topo das exportações provinciais. Concentrando milhares de cativos e abatendo milhões de reses, Pelotas destacou-se como grande complexo charqueador da região. Localizado no sudeste da província, há alguns quilômetros do porto marítimo de Rio Grande, o município é cortado por vias fluviais que favoreceram o escoamento da produção e propiciaram o enriquecimento dos charqueadores locais. (p. 1)

Para compreender a importância da criação do Museu do Doce para a cidade deve-se pontuar que:

...as narrativas de doceiras e doceiros, cujas histórias pessoais e familiares estão entrelaçadas à trajetória dos grupos sociais a que pertencem. Com base em seus depoimentos foi possível identificar linhagens de doceiras, modos de fazer, formas de transmissão, valores atribuídos e a situação atual de ambas tradições doceiras.

Não é exagero afirmar que o Museu do Doce é uma conquista da comunidade doceira. A missão do museu é “salvaguardar os suportes de memória da tradição doceira de Pelotas e da região, com o compromisso de produzir conhecimento sobre esse patrimônio”, mas sua visão de preservação vai muito além da guarda de objetos, pois é um espaço que dá voz aos protagonistas da história dos doces de Pelotas através de exposições, eventos de cunho cultural, pesquisas de registros de memórias, interação e sociabilidade da comunidade local.

Percorrendo as pastas que guardam os documentos de suporte físico sobre a história do Museu, comprehende-se que aspectos que são desafiadores para as unidades acadêmicas da universidade, encontram nele, um espaço privilegiado de realização.

Os relatórios das gestões do museu registram atividades compostas pelos múltiplos olhares que caracterizam ações interdisciplinares, tão almejadas para o ensino superior. O relatório do ano de 2022 que, apesar ter sido gerado no sistema eletrônico¹³, disponibilizou uma cópia em suporte papel para o arquivo, apenas a título de exemplo, registra atividades dos cursos de Conservação e Restauro, Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Cinema, Gastronomia, Pedagogia, Psicologia.

Ações interinstitucionais também ocorrem semestralmente no museu, que recebe escolas da rede pública e privada e outras universidades para ações que entrelaçam os mais diversos interesses culturais.

Ainda em referência à análise que Cristina Bruno realiza sobre a indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários, tem-se uma oportuna provocação:

¹³ Aqui podemos apontar uma importante questão que deverá nortear o trabalho de guarda dos documentos nato digitais, que necessitam de uma urgente intervenção.



Geralmente, destacamos a importância das universidades para os museus. Sublinhamos que a inserção nestas instituições de ensino, pesquisa e extensão, contribui para a estabilidade dos museus, para a configuração de um adequado quadro técnico-científico e para a garantia de financiamento.

Sempre esquecemos de salientar que o museu também é muito importante para a universidade, pois tem toda a potencialidade para desenvolver, com igual competência, as três funções já mencionadas. (1997, p. 48-49)

O trabalho desenvolvido pelo curso de História no arquivo institucional, de caráter permanente, serve para reafirmar que o Museu do Doce é muito importante para a Universidade Federal de Pelotas, por ser este espaço de oportunidades para ações de cunho interdisciplinar, interinstitucional, bem como para o exercício da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão, como o que ocorre com os projetos que envolvem a organização de documentos históricos.

Referências:

Arquivo Nacional (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionario_de_terminologia_arquivistica.pdf. Acesso em 15 de setembro de 2025.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. Arquivística: objetos, princípios e rumos. In: **SÃO PAULO. Arquivo Público do Estado/Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo**. I Ciclo de palestras sobre arquivos e gestão documental: aperfeiçoamento e atualização profissional. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2011.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em 12 de setembro de 2025.

BRASIL. Lei nº 14.038, de 17 de agosto de 2020. **Diário Oficial da União**, Edição 158, Seção 1, p. 4, 18 ago. 2020. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l14038.htm. Acesso em 18 se setembro de 2025.

BRUNO, Cristina. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 10, n. 10, 1997. Disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/301>. Acesso em 22 de setembro de 2025.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000. Disponível em





https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf. Acesso em 20 de setembro de 2025.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória no mundo pós-moderno. **Estudos Históricos**. n. 21, p. 129-149, 1991/1. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2062>. Acesso em 20 de setembro de 2025.

COOK, Terry. **O conceito de fundo arquivístico: teoria, descrição e proveniência na era pós-custodial**. Tradução de Silvia Ninita de Moura Estevão e Vitor Manoel Marques da Fonseca. -- Dados eletrônicos. -- Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2017. Disponível em https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/arquivos%20pdf/lancamentos-1/conceito_de_fundo.pdf. Acesso em 15 de setembro de 2025.

FORPROEX; FORCULT. **A institucionalidade da cultura nas instituições públicas de ensino superior no Brasil: relatório da pesquisa Forproex e Forcult 2023-2025**. Belo Horizonte: Pró-Reitoria de Cultura, 2025. Disponível em https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/A_institucionalidade_da_Cultura_nas_IPES_Forproex_Forcult_2023-2025_rev.pdf. Acesso em 22 de setembro de 2025.

FUNDACÃO CASA. **Conservação de Documentos: higienização e organização**. Rio de Janeiro: CPDOC/NDA. 2001/2014. Disponível em https://fundacaocasa.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Cartilha_de_Higienizacao_2012_2014.pdf. Acesso em 21 de setembro de 2025.

GASTAUD, Carla Rodrigues et al. Do sal ao açúcar: as ações educativas do Museu do Doce da UFPel (Universidade Federal de Pelotas). **Expressa Extensão**, v. 19, n. 2, p. 91-105, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/expressaextenso/article/view/4954>. Acesso em 20 de setembro de 2025.

GILL, Lorena Almeida; MANKE, Lisiane Sias, orgs. **Memórias de formação: os 40 anos do curso de Licenciatura em História da UFPel**. Porto Alegre: Casaletras, 2021. Disponível em <https://repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/8182?show=full&locale-attribute=es>. Acesso em 20 de setembro de 2025.

ICOM. **Código de Ética para Museus**. ICOM, 2001. Disponível em <https://museu.ufpa.br/images/ICOM.pdf>. Acesso em 21 setembro de 2025.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. **A trajetória de uma Construção Patrimonial: A tradição doceira de Pelotas e Antiga Pelotas na Constituição do Museu do Doce da Universidade Federal de Pelotas**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Ciências Humanas. Pelotas, 2019. Disponível em <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5484>. Acesso em 21 de setembro de 2025.



MARTINS, D. L.; et al. Repositório digital com o software livre Tainacan: revisão da ferramenta e exemplo de implantação na área cultural com a revista filme cultura. In: **Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência de Informação**, 18., 2017. Anais do XVIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2017. Disponível em <https://www.brappci.inf.br/index.php/res/v/105154>. Acesso em 20 de setembro de 2025.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação** - Periódico científico editado pela ANPAE, [S. I.], v. 27, n. 2, 2011. DOI: 10.21573/vol27n22011.24770. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/24770>. Acesso em: 22 set. 2025.

MEDEIROS, Nilcéia Lage; GOMES DO AMARAL, Cléia Márcia. A Representação do ciclo vital dos documentos: uma discussão sob a ótica da gestão de documentos. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 297-310, jul./dez. 2010. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645963019.pdf>. Acesso em 21 de setembro de 2025.

MIRANDA, Marcia Eckert. Os arquivos e o ofício do historiador. In: **XI Encontro Estadual de História ANPUH RS**, 23 a 27 de julho de 2012. Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Rio Grande do Sul – RS – Brasil. Disponível em https://www.eeh2012.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346099851_ARQUIVO_XIEncontroAnphuRegional_HistoriadoresnosArquivos_MarciaEckertMiranda.pdf. Acesso em 22 de setembro de 2025.

PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. Acesso em <https://cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20190653/17105304-documentacao-museologica-gestao-acervo.pdf>. Disponível em 20 de setembro de 2025.

PAIVA, Odair da Cruz. A invenção do arquivo histórico e os embates acerca da memória. In: **Congresso Internacional da ABRALIC**, 11, 2008, São Paulo: Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2008.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. **A teoria dos arquivos e a gestão de documentos**. 2014. 71 p. (Coleção Estudos Museológicos, v. 2). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/kNWMg5vmqhBjKTzPYqSw8BQ/?format=pdf&language=pt>. Acesso em 20 de setembro de 2025.

SILVA, Maria Celina Soares de Mello e Silva. Arquivos de museus: características e funções. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 2, n. 4, 2013. Disponível em: brappci.inf.br/v/355208. Acesso em: 10 de setembro de 2025.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB). **Procedimentos Internos de Higienização de Documentos do Arquivo Central**. Brasília: UnB/ACE, 2022. disponível em <https://arquivocentral.unb.br>. Acesso 20 de setembro de 2025.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPel), **Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2022-2026**, Pelotas, 2022. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/planejamentoufpel/pdi-vigente-2022-2026/>. Acesso e 20 de setembro de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPel). **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em História**. Pelotas, 2025.

VARGAS, Jonas Moreira. Das charqueadas para os cafezais? O comércio de escravos envolvendo as charqueadas de Pelotas (RS) entre as décadas de 1850 e 1880 in **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPU, São Paulo, julho 2011.